



## IMPLICAÇÕES SUBJETIVAS DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE DIRIGENTES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

### SUBJECTIVE IMPLICATIONS OF THE POLITICAL PARTICIPATION OF LEADERS OF THE STUDENT MOVEMENT

*Everton Faria Meira* <sup>(1)</sup>

*Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória-ES*

#### RESUMO

Manifestações protagonizadas por estudantes universitários tornam visível a dinâmica das transformações do Movimento Estudantil – ME – no Brasil e no mundo. Eles demonstram criatividade para desafiar as normas e instituições sob as quais suas experiências foram construídas, articulando novas subjetividades e representações na dimensão processual de sua ação. Quais são os indicadores de sentidos subjetivos que se configuram na participação política dos militantes do ME nas organizações estudantis de representação? O objetivo deste artigo é analisar os indicadores de sentidos subjetivos que se configuram na participação política de dirigentes do Diretório Central dos Estudantes de uma universidade federal brasileira. Adota-se a Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2003; 2005) como referencial teórico, e a Metodologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005) na definição dos procedimentos adotados. A pesquisa foi realizada com três sujeitos, utilizou-se o diário de campo e foram realizadas duas conversações grupais. O artigo não apresenta conclusões últimas, mas abre novos campos de inteligibilidade sobre os sentidos subjetivos relacionados à política, ao papel do dirigente do ME, ao espaço relacional e à constituição das identidades dos dirigentes das entidades de representação estudantil.

**Palavras-chave:** Subjetividade; sentidos; estudos organizacionais; participação política; movimento estudantil.

#### ABSTRACT

Manifestations carried out by university students make visible the dynamics of the transformations of the Student Movement – SM – in Brazil and in the world. They demonstrate creativity to challenge the norms and institutions under which their experiences were constructed, articulating new subjectivities and representations in the procedural dimension of their action. What are the indicators of subjective meanings that shape the political participation of SM militants in student organizations of representation? The objective of this article is to analyze the indicators of subjective meanings that are configured in the political participation of leaders of the Central Directory of Students of a Brazilian federal university. The Subjectivity Theory (GONZÁLEZ REY, 2003; 2005) is adopted as a theoretical reference, and the Qualitative Methodology (GONZÁLEZ REY, 2005) is used to define the procedures adopted. The research was carried out with three subjects, the field diary was used and two group discussions were carried out. The article does not present conclusions, but opens new fields of intelligibility on the subjective senses related to politics, the role of the SM leader, relational space and the constitution of the identities of the leaders of the student representation entities.

**Keywords:** Subjectivity; senses; organizational studies; political participation; student movement.

## INTRODUÇÃO

A Primavera de Praga foi um movimento protagonizado por estudantes, que provocou uma convulsão social no mundo (GÓMEZ, 2015). Em 2018, quando se completam 50 anos do início da Primavera de Praga, muitas daquelas lutas ainda constam nas pautas das lutas estudantis pelo mundo afora. Na Colômbia, o ano foi marcado pelo protagonismo do coletivo *Movimiento Estudiantil Colombiano*, que organizou dezenas de marchas, por mais recursos para a educação pública no país, e que ocorreram nas cidades de Cali, Bogotá, Medellín e Montería (¿POR QUÉ, 2018). No Brasil, o Centro Acadêmico do Instituto de Economia da Universidade de Campinas emitiu nota repudiando a prisão arbitrária de dois estudantes que panfletavam para um candidato à presidência da república (LONGO, 2018). Estes dois exemplos de movimentos, na Colômbia e no Brasil, foram protagonizados por estudantes universitários, que estavam organizados de formas diferentes: no primeiro caso, em um coletivo estudantil e, no segundo caso, em uma organização de representação.

Estas manifestações, que ocorreram 50 anos após a Primavera de Praga, ainda trazem em si as mesmas lutas de 1968 na América Latina: contra arbitrariedades e por mais recursos para a educação pública (GÓMEZ, 2015). No entanto, a adesão dos estudantes a coletivos estudantis, como observado no caso da Colômbia, ou ainda a incorporação de intervenções artísticas às ações políticas, como no caso do #YoSoy132 do México (CUNINGHAME, 2017), ilustram a criatividade dos estudantes ao desafiar as normas e instituições sob as quais suas experiências são construídas, articulando

novas subjetividades e representações na dimensão processual de sua ação.

Em relação ao termo subjetividade, há uma infinidade de concepções de usos da palavra no campo da Administração, o que dificulta o trabalho dos pesquisadores (SILVEIRA, 2017). Mas, na perspectiva adotada neste artigo, “a subjetividade adota-se e desenvolve-se no interior do universo de realidades e de processos objetivos que caracterizam a organização social” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 22). Assim, as transformações no ME em todo o mundo estão associadas às rupturas, resultantes da produção de novas subjetividades sociais e individuais, que promovem “[...] uma mudança no íntimo das pessoas, em sua orientação relativamente à realidade e nos critérios de percepção e definição de suas necessidades e desejos” (RAMOS, 1989, p. 42).

Diversos trabalhos discutiram a dinâmica das transformações no ME mundial (LIZAMA, 2013; POUSADELA, 2013; BELLEI; CABALIN; ORELLANA, 2014; CABALIN, 2014; SPIEGEL, 2015; PEÑA; RODRIGUEZ; SÁEZ, 2016; BARRIGA; LABRAÑA; VERDEJO, 2017; O’HALLORAN, 2018) e brasileiro (MESQUITA; OLIVEIRA, 2013; SEIDL, 2014; SANTOS; SANTOS; OLIVEIRA, 2015; RODRIGUES; GUGLIANO, 2017), mas nenhum deles estava voltado para a investigação dos processos simbólicos e emocionais dos estudantes, que criam novos significados para a participação política, em suas organizações de representação, lacuna que este artigo se propõe a preencher.

Para investigar os processos simbólicos e emocionais dos dirigentes de uma entidade de representação estudantil será utilizada a categoria sentidos subjetivos

- forma essencial dos processos de subjetivação, que expressa a realidade das pessoas em complexas unidades simbólico-emocionais, constituídas em contextos sociais específicos (GONZÁLEZ REY, 2003; 2003b; 2005). Ao utilizar esta categoria para analisar o ME em uma universidade federal brasileira, novas zonas de inteligibilidade sobre as paixões, interesses e motivações que levam ao engajamento voluntário em organizações estudantis de representação poderão ser criadas.

É razoável conceber que o estudo da subjetividade seja melhor conduzido por psicólogos, já que o campo da Administração é dominado por uma perspectiva objetiva, “e muito convencimento haverá de ser feito em busca de aceitação de uma perspectiva ontológica que vai de encontro ao paradigma hegemônico da objetividade nos estudos organizacionais” (SILVEIRA, 2017, p. 14). Mas o êxito econômico, e o controle institucional, não são suficientes para explicar a ação do homem nas organizações estudantis. De acordo com Ramos (1984), as ideias de homo economicus e de homo complexus fundamentam-se em suposições acríicas e redutoras a respeito da natureza humana. Consequentemente, modelos tradicionais de gestão caracterizam-se por seus métodos autoritários e pelo ajustamento dos indivíduos ao interesse das organizações, sem acrescentarem uma reflexão aprofundada do homem à teoria organizacional (PAES; DELLAGNELO, 2015).

Mas na perspectiva adotada neste trabalho, o sujeito é questionador e criativo e, com isso, admite-se “[...] a organização não apenas como um campo de controle, mas também como um lugar de produção de subjetividade” (PAES DE PAULA; PALASSI, 2007, p. 224). Ao analisar a participação na

administração pública, Silveira, Palassi e Silva (2013, p. 55) argumentam que a participação pode ser associada à ideia de sujeito, situado numa região da prática social e “revestido de características como autonomia, reflexão, emoção, criação, comunicação e ação”.

A participação política no ME configura sentidos subjetivos relacionados aos mais variados aspectos da vida dos sujeitos, não necessariamente ligados à política (GONZÁLEZ REY, 2003; 2003b; 2005), já que “a motivação do pensamento é sua própria configuração subjetiva” (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 34). O conceito de sentido subjetivo foi desenvolvido através da articulação, dentre outros, dos conceitos de sentido (VIGOTSKI, 1934; 1971; 2004), de imaginário (CASTORIADIS, 1982) e de complexidade (MORIN, 2006), sendo ele legítimo para produzir inteligibilidade sobre problemas de pesquisa relacionados à atividade humana em qualquer ciência antropológica (GONZÁLEZ REY, 2005). Neste ponto, convém ressaltar que o problema de pesquisa representa a primeira aproximação sobre o que se deseja estudar. Na Metodologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 91), ele deve ser apresentado na forma de uma “problematização aberta” que pode ser desdobrada em alternativas diferentes. Assim, sugere-se a seguinte problematização:

Quais são os indicadores de sentidos subjetivos que se configuram na participação política dos militantes do ME nas organizações estudantis de representação? No contexto da democracia representativa brasileira, as configurações subjetivas podem estimular a reprodução, no ME, do status quo da política geral do país: a excessiva autonomia dos representantes - que passam

a ignorar sua base na tomada de decisões, a diferenciação entre representantes e representados, e a legitimação das iniciativas através dos votos obtidos. Podem ainda produzir sentidos que subvertem este status quo: decisões tomadas coletivamente, ausência de um líder formal, e a legitimação das iniciativas pelo processo de tomada de decisão. Por outro lado, as configurações subjetivas da participação política no ME podem desestimular o protagonismo dos estudantes, diante da predominância de significados negativos da política na subjetividade social.

Diante da problematização colocada, o objetivo deste artigo é analisar os indicadores de sentidos subjetivos que se configuram na participação política de dirigentes do Diretório Central dos Estudantes - DCE - de uma universidade federal brasileira. O interesse em estudar o ME amadureceu ao longo da trajetória do pesquisador em organizações de representação estudantil, desde o Grêmio Estudantil em 1990, até a diretoria da União Nacional dos Estudantes - UNE - em 2001. A partir desta vivência, assume-se neste artigo que uma maior, e mais qualificada, participação política dos estudantes seria benéfica para ambos: para o estudante - ao contribuir para sua formação - e para o ME - que receberá novas ideias.

Ao reconhecer estes possíveis benefícios, e as múltiplas determinantes do envolvimento voluntário dos estudantes com suas organizações de representação, este artigo pretende contribuir para o campo dos Estudos Críticos em Administração, contrapondo-se à construção discursiva do êxito econômico, com seus contornos definidos a priori, que “[...] serve a interesses diversos na luta para impor uma visão de

mundo nos diversos campos do saber, inclusive, no da administração” (PAES; DELLAGNELO, 2015, p. 543). Este artigo também pretende contribuir para a literatura sobre o ME, ao investigar algumas variáveis que influenciam a participação, cuja complexidade transcende as possibilidades do saber humano (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017).

Trata-se de um artigo sobre a subjetividade no contexto do Movimento Estudantil, razão pela qual adota-se a Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2003; 2003b; 2004; 2005; 2007; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017) como referencial teórico, epistemológico e metodológico. A pesquisa foi realizada com três sujeitos, e foram utilizados os instrumentos: diário de campo, conversação individual e conversação grupal. Segundo Silveira (2017, p. 9), “[...] essa perspectiva epistemológica tem sido utilizada em pesquisa na área de Administração, sobre temas como voluntariado, participação no trabalho, participação pública, gestão urbana, política, ação partidária”, sendo assim adequada para o estudo da participação política.

O desenvolvimento deste artigo é, então, composto por esta introdução, pela apresentação dos referenciais teórico, epistemológico e metodológico adotados, pela apresentação do contexto em que esta pesquisa foi desenvolvida, pela construção e análise das informações e, por fim, pelas considerações finais. O artigo não apresenta conclusões últimas, mas abre novos campos de inteligibilidade sobre os sentidos subjetivos relacionados à política, ao papel do dirigente do ME, ao espaço relacional e à constituição das identidades dos dirigentes das entidades de representação estudantil, e são estes sentidos que podem estimular ou



desestimular uma participação política mais comprometida.

### **TEORIA DA SUBJETIVIDADE: REFERENCIAL TEÓRICO E EPISTEMOLÓGICO**

A subjetividade possui um caráter ontológico na definição do sujeito (GONZÁLEZ REY, 2003; 2003b; 2004; 2005; 2007; GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017). Para explicar a Teoria da Subjetividade, são utilizados cinco conceitos principais: “sentidos subjetivos, configurações subjetivas, sujeito, subjetividade social e subjetividade individual” (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 62). O sentido subjetivo é a forma essencial dos processos de subjetivação, que expressa a realidade das pessoas em complexas unidades simbólico-emocionais, constituídas em contextos sociais específicos. Todo comportamento humano é configurado por sentidos subjetivos, que articulam os múltiplos processos do pensamento, da emoção, da imaginação e da ação nos estados dominantes que caracterizam sua experiência (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017). Cabe aqui uma das primeiras definições de sentido:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os acontecimentos psicológicos que essa palavra desperta na nossa consciência. É um todo complexo, fluido, dinâmico que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado não é mais do que uma das zonas do sentido, a zona mais estável e precisa. Uma palavra extrai o seu sentido do contexto em que surge; quando o contexto muda o seu sentido muda também. O significado mantém-se estável através de todas as mudanças de sentido (VIGOTSKI, 1934, p. 144).

Vigotski (1934) avançou na compreensão da consciência, ao integrar os inúmeros fatores psicológicos evocados pela palavra, elevando a noção de sentido a uma categoria mental presente na ação das pessoas. No entanto, ao afirmar que a linguagem é interiorizada, Vigotski (1934) sustenta uma dualidade entre o interno e o externo (CASTANHO; SCOZ, 2013), enquanto para González Rey (2003) esta dualidade não se sustenta: interno e externo são a síntese de momentos qualitativos da vida social, imbricados de forma recursiva e sem que um anule o outro.

O segundo conceito da Teoria da Subjetividade relaciona-se à estabilidade que algumas destas formações psicológicas complexas podem adquirir: as configurações subjetivas. Tratam-se de “entidades isoladas que integram sentidos subjetivos diferenciados” (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 138) de forma flexível e processual (SCOZ; RODRIGUES, 2015). González Rey (2005, p. 21) define as configurações subjetivas como “[...] formações psicológicas complexas caracterizadoras das formas estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos, estes também podem aparecer como o momento processual de uma atividade, sem que se organizem nesse momento como configuração subjetiva”.

Assim, quando as pessoas produzem novos sentidos subjetivos, elas são capazes de transformar as configurações subjetivas que foram hegemônicas em suas decisões até então, em uma tensão que sintetiza o jogo contraditório de sua produção que, por sua vez, se dá em condições únicas (COSTA; GOULART, 2015; ROSSATO; MARTÍNEZ, 2013). Uma determinante destas condições é o terceiro conceito da Teoria da Subjetividade: a subjetividade social.

Segundo González Rey e Martínez (2017, p. 45), “toda ação individual está inserida numa sequência de comportamentos e processos articulados em configurações da subjetividade social que transcendem os processos individuais dentro dos quais elas se gestaram”. É esta capacidade, de gerar novas formas de viver as experiências individuais, que caracteriza o desenvolvimento infinito da cultura humana (GONZÁLEZ REY, 2003). A subjetividade social expressa processos singulares que configuram as produções sociais gerais nos sentidos subjetivos das pessoas, afirmando o caráter social das ações humanas, já que “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (VIGOTSKI, 1986, p. 56, tradução nossa).

Entende-se assim que os limites impostos pelos espaços sociais são superados através das novas opções produzidas pelos indivíduos que nelas transitam, e o estudo destes espaços envolve a definição das configurações subjetivas sociais que atravessam suas relações internas. Assim, a subjetividade social encontra-se imbricada com a subjetividade individual, quarto conceito da Teoria da Subjetividade, determinando a ação humana, que não é fechada em si.

A ação humana é resultado da inter-relação da subjetividade social com a subjetividade individual na produção de sentidos (COSTA; GOULART, 2015), expressões e novos significados, atravessada por sentidos de inúmeras procedências, que traduzem emoções complexas nos diferentes espaços. Neste sentido, o sujeito – quinto e último conceito – é definido como um ser singular e social, onde um está simultaneamente implicado na subjetividade em que a ação do outro é construída, sem que

haja determinismos ou relações de causalidade.

Segundo González Rey (2003, p. 224), “o social atua como elemento produtor de sentido partindo do lugar do sujeito em seu sistema de relações e da história desse próprio sujeito”. Assim, reconhecer a história do sujeito é condição para superar uma visão a-histórica da subjetividade, que nega sua qualidade essencial: a capacidade generativa de novos sentidos frente a situações ainda não vividas. Segundo González Rey (2017, p. 33), os sujeitos possuem “uma capacidade geradora que integra emoção, imaginação, fantasia e operações intelectuais, que, em sua unidade, são um importante recurso de tensão, ruptura e resistência diante dos sistemas sociais normativos”.

Neste sentido, o homem produz conhecimento sobre sua realidade, e não apenas se adapta a ela. Este processo de produção integra distintos aspectos do espaço de vida do sujeito, e aparecem nestes espaços, ou no sujeito, de forma singular e organizados pela sua história. Um destes processos da realidade relaciona-se às identidades. Segundo González Rey (2003, p. 263), a identidade é um “[...] sistema de sentidos que se articula a partir das configurações subjetivas historicamente constituídas na história de um sujeito concreto e nas condições concretas dentro das quais ele atua neste momento”. A identidade é entendida, neste artigo, como resultado da produção de sentidos que o sujeito adota em espaços específicos (PAES DE PAULA; PALASSI, 2007), e esta produção é motivada pela necessidade do sujeito de delimitar seu espaço (GONZÁLEZ REY, 2003).

Para aprofundar o conhecimento sobre estes processos subjetivos, González Rey (2003b) propõe a Epistemologia

Qualitativa que possui três princípios gerais: a defesa do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimação do singular como via de produção do conhecimento e a compreensão da pesquisa nas ciências antropológicas como um processo dialógico.

O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento está relacionado ao caráter especulativo da organização da pesquisa que, por não responder a categorias estabelecidas a priori, permite novos acessos à realidade estudada. Segundo González Rey (2005, p. 8), o perigo da especulação está “[...] na sua separação em relação ao momento empírico”. Assim, os indicadores de sentidos subjetivos adquirem este status por sua relação com campos de significação abertos pelas representações do pesquisador no curso da pesquisa. Segundo González Rey e Martínez (2017, p. 31), “tal princípio rompe definitivamente com a ideia de neutralidade do pesquisador e, simultaneamente, é inerente à definição da pesquisa como processo teórico”.

A legitimação do singular como via de produção do conhecimento está relacionada à compreensão das criações humanas como produções de sentido, capazes de expressar a complexa realidade sobre a qual o homem está envolvido sem, no entanto, constituir reflexo desta realidade. Por fim, a compreensão da pesquisa nas ciências antropológicas como um processo dialógico está relacionada à implicação dos envolvidos – sujeitos e pesquisador – na pesquisa, sem que uma relação estímulo-resposta seja estabelecida.

## **METODOLOGIA QUALITATIVA: REFERENCIAL METODOLÓGICO E DE ANÁLISE**

A partir destes princípios epistemológicos, González Rey (2005) propõe uma Metodologia Qualitativa que pode ser adotada para o estudo da subjetividade. Para o estabelecimento de um relacionamento de confiança entre sujeitos e pesquisador, González Rey (2005) sugere que, no início do trabalho de campo, seja criado o cenário de pesquisa. Neste sentido, os primeiros campos de significação, necessários para atribuir algum valor aos indicadores de sentido, foram abertos a partir da vivência do pesquisador em atividades do DCE, e das conversações individuais com os sujeitos desde o início de 2016.

Todos os diretores do DCE foram convidados a participarem da pesquisa. Foram realizadas duas conversações grupais com os três dirigentes da entidade que aceitaram, sem nenhuma pressão, participar dela. A partir de então foram realizadas duas conversações grupais. A primeira conversação grupal, realizada em setembro de 2017, foi orientada pela reconstrução das trajetórias individuais e relações sociais dos sujeitos, pelos significados atribuídos à política geral, à política estudantil, ao grupo político em que transitam e aos outros grupos políticos. As construções dos sujeitos foram então analisadas, e organizadas segundo sua similaridade e ligação com a temática em discussão. Em outubro de 2017, foi realizada a segunda conversação grupal, orientada pela devolução e discussão dos achados do momento anterior no trabalho de campo.

A análise, realizada ao final de cada conversação, estava orientada à identificação dos indicadores de sentidos subjetivos que se configuravam na participação política dos sujeitos. Os indicadores foram encontrados na forma adjetivada ou personalizada do sujeito narrar experiências, na organização

dos relatos sobre tempos de vida, nas emoções, nos silêncios, na excessiva ênfase sobre algo em detrimento de outros aspectos possíveis, na relação entre esses aspectos, nos olhares, nas posturas e nos comportamentos (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017).

Este processo, que alternou trabalho de campo e análise, permitiu que os indicadores de sentidos subjetivos fossem sustentados pelos dados obtidos. Estes indicadores não respondem o problema de pesquisa em sua totalidade, mas representam compreensões aproximadas da realidade dos sujeitos em seu momento histórico, e no contexto histórico, cultural e social em que o ME brasileiro vêm sendo construído, assunto que se discute a seguir.

### **A participação política no movimento estudantil**

A revolução cultural iniciada pela Primavera de Praga, em 1968, influenciou a luta dos estudantes por mais liberdades em todo mundo (GÓMEZ, 2015). No Chile, a disputa entre as diferentes orientações adquiriu contornos partidários, provocando o distanciamento entre líderes e liderados (BARRIGA; LABRAÑA; VERDEJO, 2017), processo similar ao encontrado por Rheingans e Hollands (2013) no Reino Unido, e por Mesquita e Oliveira (2013), no Brasil. Com este distanciamento, Bellei, Cabalin e Orellana (2014) definiram dois tipos de movimento estudantil: um tradicional, com estruturas verticais e ligado aos partidos políticos, e outro emergente, com estruturas em rede e um discurso crítico em relação aos partidos. Organizações com estruturas em rede também foram identificadas no Canadá (SPIEGEL, 2015), no México (CUNINGHAME, 2017), no Reino Unido (PUSEY; SEALEY-HUGGINS, 2013) e no Brasil (SEIDL, 2014).

No ME brasileiro, a disputa entre diferentes orientações pelo controle da entidade máxima de representação dos estudantes universitários, a UNE, envolve a juventude de pelo menos dez partidos políticos (RODRIGUES, 2017). Cancian (2014) argumenta que a singularidade do ME brasileiro é a sua subordinação aos partidos políticos, e para Rodrigues e Gugliano (2017) a institucionalização das organizações estudantis de representação é produto, dentre outros fatores, de sua colonização pelos partidos políticos. Por outro lado, alguns militantes do ME optaram por não ingressar em um partido político, buscando uma participação política menos influenciada por outros interesses (MESQUITA; OLIVEIRA, 2013; SEIDL, 2014).

Alguns destes estudantes encontraram nos Coletivos Estudantis as retribuições cognitivas, culturais e sociais que passaram a redefinir suas identidades (SEIDL, 2014). Assim, se por um lado o reconhecimento dos colegas exerce um efeito narcísico poderoso sobre os dirigentes de organizações estudantis de representação (CASTRO, 2008), por outro lado, os Coletivos vêm valorizando a habilidade do líder de negar a própria liderança, exigindo dele um desinteresse pessoal convincente (SEIDL, 2014), evidenciando uma nova competência que passou a definir a ação política no ME.

Em relação ao contexto, a universidade federal em que esta pesquisa se deu foi criada no início da década de 1960 e, dois anos depois de sua criação, foi criado o DCE. Em 1969 o diretório foi colocado na ilegalidade pelo governo civil-militar, junto com outros diretórios pelo Brasil afora, sendo reconstruído em 1979. Desde a sua reconstrução, o DCE foi dirigido por estudantes ligados a quatro partidos políticos



diferentes, excetuando-se quatro anos em que foi dirigido por estudantes sem ligação partidária e com viés anarquista.

No final de 2016 houve uma quebra nesta lógica, tendo sido eleita a chapa Conectividade - nome fictício - composta predominantemente por estudantes sem ligação partidária, e oriunda da articulação das Associações Atléticas dos cursos da universidade. Naquele ano a diretoria da entidade era composta por dezenove membros. Apesar de, historicamente, a diretoria sempre ter sido composta de forma proporcional ao número de votos obtidos pelas chapas em disputa, uma recente alteração estatutária, feita no Congresso dos Estudantes, definiu a composição majoritária: a chapa com maior número de votos passou a ocupar todos os cargos.

A gestão pautou sua atuação por demandas acadêmicas e educacionais, ligadas aos interesses imediatos dos estudantes, ao contrário das gestões anteriores, que eram pautadas por temas políticos nacionais, tornando-se alvo de críticas e desenvolvendo novas práticas, conforme é demonstrado a seguir.

### **Sentidos subjetivos relacionados à participação política dos sujeitos**

A seguir, são apresentadas as falas dos três sujeitos: Thiago, Karina e Fábila - nomes fictícios. Este artigo passa a analisar as falas sem a preocupação em confirmar ou rejeitar teorias anteriores, ou ainda em buscar legitimidade na literatura sobre o ME, já que a metodologia adotada não preconiza o uso de categorias estabelecidas a priori. Neste sentido, convém alertar o leitor que há, a partir deste ponto, uma mudança na linguagem utilizada e na forma como as informações são organizadas. A partir do

relacionamento das expressões espontâneas dos sujeitos com as especulações do pesquisador no trabalho de campo, são produzidos indicadores de sentidos subjetivos da política, das identidades, das relações e do papel do dirigente do ME. Estes indicadores parecem empurrar a participação política dos sujeitos em direções contraditórias: estimulando-a ou desestimulando-a. Estas contradições imbricam-se na constituição de suas singulares formas de participação política.

### **Política: “Eu queria que o movimento se afastasse um pouco dos partidos”**

Ao falar sobre a saída de seu antigo grupo, duas falas de Karina (primeira conversação grupal) chamaram a atenção: “[...] a galera tem uma construção muito ruim né... e as pessoas falavam muita coisa, eu sabia que não era verdade”. Somou-se a isto a eleição de um dirigente do grupo que a deixou desconfortável: “[...] é contraditório ter um presidente dessa maneira e aí eu disse: não, não dá pra mim, abro mão, sejam felizes, mas nesse momento vou me retirar”. Quando questionada sobre o que a incomodava no antigo grupo, ela disse: “[...] me retirei por causa da personalidade que assumiu a presidência... reações machistas demais”.

Ao evitar se aprofundar nos motivos de sua retirada do antigo grupo, Karina parecia se aproximar de uma zona dolorosa das memórias de sua participação política. No entanto, este afastamento não a impediu de se associar a outro grupo para manter-se em atividade e, neste processo, reconfigurar sua identidade para se adaptar à nova realidade, indicando seu caráter ativo na configuração subjetiva de sua participação política. Na segunda conversação grupal, quando Karina foi questionada sobre suas

ambições políticas, disse: “Eu não queria cargo político fora da universidade, nunca foi meu interesse, e recentemente eu pensei: ah, vou vir como vereadora. Mas por problemas familiares eu tive que abrir mão”.

Ao considerar o caráter ativo de Karina na construção de sua participação política, o não querer “cargo político fora da universidade” deu um tom de desapego ao cargo que, logo em seguida, afirmou já ter cogitado disputar. Esta contradição, dita na mesma frase, parece indicar que um destes extremos está mais relacionado a um significado do que a um sentido subjetivo. O desapego pode significar o estabelecimento de uma diferença entre Karina e os demais postulantes ao cargo de vereador, em um meio no qual a política partidária é representada como um ambiente perverso e sujeito à manipulação.

Esta representação também se encontrava imbricada nas produções simbólicas de Thiago que, na primeira conversação grupal, definiu seu pai como um conhecedor da política que não se envolve nela: “se ele [seu pai] não entendesse, eu digo que ele entraria mais no meio. Mas como ele entende, e sabe como funciona, então ele prefere ficar na dele, tranquilo”. Thiago parecia atribuir um valor positivo ao desinteresse de seu pai pela política partidária, indicando que o interesse, por outro lado, poderia ser significado como desconhecimento de seu funcionamento. Sua fala parecia indicar que os sentidos subjetivos, originados da configuração subjetiva da família, estavam engendrados em seus significados da política, em uma tensão constante que estimulava ou não um maior envolvimento, dependendo das produções simbólicas no contexto em que transitava. Por exemplo, na primeira

conversação grupal, ao ser questionado sobre sua experiência ao participar de um Congresso da UNE, Thiago disse:

É treta. É só treta. Aí eu aprendi muito nisso, assim, do Movimento Estudantil, dessas confusões, dessas brigas, e lutando sempre pra fazer um Movimento Estudantil que não fosse tão partidário, por isso que independente de onde eu estou, eu queria que o movimento se afastasse um pouco dos partidos porque a influência não tava sendo muito boa... Então o Congresso da UNE te mostra claramente isso. Você vê vários partidos brigando, e o Movimento Estudantil acaba perdendo muita coisa porque é uma disputa de ego muito grande entre os partidos. Então, isso influenciou o movimento, de fazer Movimento Estudantil sem ser influenciado de maneira nenhuma por movimento partidário.

Os indicadores de sentido associados à sua experiência no Congresso da UNE – “treta”, “partidos brigando”, “disputa de ego” – pareciam estar relacionados à posição de independência assumida durante o evento. Ele afirmou, de forma direta, que esta experiência o estimulou a um envolvimento mais comprometido com a mudança da política estudantil, mas esta fala poderia indicar uma postura passiva em relação às mudanças necessárias na política partidária: o afastamento, preconizado por Thiago neste caso, contribuiria para a perpetuação dos personagens e dos vícios que marcam a política partidária brasileira. Para obter mais trechos de informação sobre esta questão, o grupo foi estimulado, na segunda conversação grupal, a discutir a relação entre partidos políticos e o ME. Thiago afirmou que “[...] as pessoas misturam muito política partidária com política. Porque a política

partidária no Brasil hoje é mal vista”. Alguns minutos depois ele ainda afirmou:

Para um movimento que sempre foi ligado a partido, é estranho você ter um movimento que você coloca que não é ligado a nenhum partido. E as pessoas não entendem... e aí as pessoas falam: ah, porque você é filiado ao PSB [Partido Socialista Brasileiro - informação que o pesquisador ainda não detinha, apesar da vivência anterior com o sujeito], o DCE é do PSB. Não. Não é. Você nunca vai ter uma atitude minha misturando DCE com PSB, porque não acho válido e não acho isso legal.

Estas falas apresentavam indicadores de uma produção simbólica, na qual a política partidária parecia ser vista como um espaço de constrangimento, e não como espaço de um envolvimento que permitiria a construção de novos significados para ela. A política estudantil, desta forma, poderia simbolizar a panaceia que reaproximaria os estudantes das grandes discussões políticas, desde que estas estivessem desatreladas dos partidos políticos. No entanto, nesta segunda conversação, mas fora do momento em que foi estimulada a discussão da influência dos partidos no ME, Thiago resgatou a história de sua família para explicar a importância da política para ele:

[...] a minha família é uma família que ocupa há muitos anos a política: meu avô já foi vice-prefeito de Bento [nome fictício], então. Eu nasci em berço da política, então é algo natural pra mim e que eu gosto. [a entonação de voz então se eleva] Eu não faço porque: ah, você faz porque é trabalho [abrindo os braços]. Porque eu gosto da política [golpes leves com o punho na mesa à frente]. É

uma coisa que eu sempre gostei, aí eu cheguei a me filiar ao partido com dezesseis anos, antes mesmo de entrar na universidade, no qual eu tô filiado até hoje, inclusive, que é o PSB.

A exemplo do que ocorreu na primeira conversação, a expressão de Thiago relacionava sentidos, originados da configuração subjetiva da família, com sua experiência de participação e com sua filiação a um partido político aos dezesseis anos. No momento em que os sujeitos foram estimulados a discutir as diferenças entre os membros do grupo Conectividade e os demais militantes do ME, a construção espontânea e os gestos de Thiago indicaram o orgulho em participar de um partido político. Thiago desta forma reconhece a política partidária como um espaço de constrangimento e, ao mesmo tempo, tem orgulho em ser filiado a um partido político: apesar desta contradição parecer empurrar sua participação política em direções opostas, suas falas apresentavam indicadores de que estes sentidos se configuravam em sua construção, e que sua postura, frente às mudanças necessárias na vida partidária brasileira não era passiva conforme se especulou.

### **Identidades: “Era uma zorra”**

Nos trechos destacados a seguir, as emoções e produções simbólicas pareciam estar associadas à construção identitária que determinava o espaço de ação política dos sujeitos. Ao descrever a prática comum aos outros grupos políticos, na primeira conversação grupal, Karina afirmou: “Eu não tô conseguindo te atacar no movimento estudantil, então vou atacar seu pessoal”. Esta fala ilustrou a exposição, associada ao

seu papel de representante, produzindo consequências que atingiam outras áreas de sua vida.

Os constantes ataques dos outros grupos políticos que disputavam a hegemonia do ME na universidade, podem ser ilustrados ainda por uma observação feita pelo pesquisador no diário de campo: as paredes da sede do DCE possuíam as pichações “O DCE não me representa” e a ainda “Fora DCE Golpista”. Assim, na segunda conversação grupal, a conversa foi direcionada para as relações pessoais estabelecidas com membros de outros grupos, e a expressão de Karina pareceu indicar uma unidade emocional, entre a hostilidade e a decepção, que acompanhava sua militância:

No geral eu cortei relações com pessoas que me atingiram pessoalmente por eu simplesmente estar na Conectividade. Essas pessoas não me fazem bem, não tem porquê ter relação... se ela age assim na política, imagina na vida real... foi a primeira vez, depois de quase cinco anos de militância, que eu cortei relação com alguém por política.

A suspeita de que os ataques pessoais se deram por causa de sua atuação política indicava uma separação entre sua vida política e pessoal, e indicava que apenas aqueles sujeitos ligados a ela politicamente possuíam espaço em suas relações pessoais, produzindo sentidos que se configuravam na produção de sua identidade dentro e fora dos espaços de ação política. A expressão de Fábria, na segunda conversação grupal, também evidenciou a crítica aos ataques pessoais: “a Conecta [outro grupo político] não existe. Eles não conseguem fazer uma política concreta, porque eles perdem muito tempo em bater, em ir pra *Facebook*”.

Observou-se que a produção simbólica “a Conecta não existe”, relacionada à inexistência de ações políticas positivas e à predominância das ações de desconstrução dos outros grupos, indicava uma produção simbólica dentro da qual um grupo político só podia existir se desenvolvesse ações políticas positivas.

Ainda na primeira conversação, Thiago estabeleceu outra diferença entre as práticas dos diferentes grupos: “[...] não existia ata no DCE, de forma nenhuma. Nenhuma reunião do DCE tinha ata até então. Então era uma zorra, literalmente uma zorra. Você fazia uma reunião, era uma guerra porque tinha vários grupos, então era uma guerra ali”. A produção simbólica de que a entidade passou a existir após a vitória de seu grupo parecia estar associada a um sentimento de superação das práticas organizacionais dos outros grupos e, neste ponto, a institucionalidade da ata trazia a segurança necessária para a superação da diferença que definia os grupos.

No entanto, dada a vivência do pesquisador junto ao DCE, observou-se que Thiago omitiu a mudança estatutária a partir da qual a composição da diretoria passou a ser majoritária. Para ele, a ordem institucionalizada no DCE não estava relacionada às reuniões que envolviam apenas os estudantes que compuseram a chapa Conectividade, ao contrário das reuniões nas outras gestões, cuja composição da diretoria era proporcional. Para ele, a ordem parecia estar relacionada ao hábito de fazer a ata, estabelecendo uma diferença entre as práticas organizacionais das diferentes correntes políticas estudantis na universidade.

As falas de Karina, Fábria e Thiago pareciam evidenciar as identidades

singulares que eram construídas, delimitando seus espaços de atuação, e apresentando indicadores de sentidos subjetivos relacionados às relações pessoais, e às práticas organizacionais. Este espaço delimitado de atuação, seu próprio grupo político, pareceu contribuir para a diferenciação identitária expressa no uso da palavra “eles”, ou no tempo verbal que diferenciava sua gestão das anteriores.

### **Relações interpessoais: “Do nada tem oito pessoas almoçando no R.U.”**

Na primeira conversação grupal, quando a conversa era direcionada às relações interpessoais estabelecidas a partir das atividades no ME, Karina relatou sua experiência no congresso da UNE: “[...] é uma roubada do caralho [risos], mas é bom, é legal. Você conhece muita gente. Eu acho que a troca que você tem nesses espaços, independente de quem tá promovendo, conferência da juventude, conferência de adolescentes, são momentos únicos”. A fala de Karina, ao adjetivar positivamente a experiência de se deparar com um novo contexto, apresentou um indicador de sua capacidade para produzir novos sentidos subjetivos que se configuravam em sua identidade, viabilizando a adaptação e a integração necessárias para a promoção de trocas de experiências.

A forma positiva utilizada para adjetivar a experiência - “mas é bom, é legal” - indicava que as dificuldades enfrentadas naquela “roubada” não foram suficientes para impedi-la de se relacionar com colegas que tiveram experiências diferentes das suas, criando um espaço relacional que lhe permitiu compartilhar sua vivência. Este indicador ainda não havia chamado a atenção

do pesquisador na primeira conversação grupal.

No entanto, na segunda conversação grupal, quando o grupo era estimulado a conversar sobre as diferenças pessoais entre os grupos políticos do ME na universidade, Karina disse: “se você pegar e olhar nossa página, a gente tem churrasco de fim de ano, a gente tem fim de semana de aventura que é subir o Morro do Moreno. A gente tem um grupo que se chama Conectividade Aventureiros”. Apesar de Karina ter vindo de outro grupo político, ela parecia estar bem integrada ao seu novo contexto de participação, implicando-se a ponto de configurar sentidos subjetivos associados ao lazer e à aventura para produzir uma identidade, expressa ao dizer “a gente”, que lhe permitia construir novos significados em relação a si e aos outros.

Esta combinação de sentidos, oriundos de outras áreas da vida de Karina para a produção de uma identidade, estimulou o pesquisador a provocá-la um pouco mais à frente, de forma irônica, sobre sua disposição em participar de uma aventura com membros dos outros grupos, apesar do risco de ser sabotada. Mesmo com os risos que a provocação gerou no grupo, Karina disse que não, e justificou: “no geral, minhas principais amizades vieram comigo para Conectividade, eu trouxe elas... as outras pessoas eu tenho o convívio natural de estudante”, indicando que sua integração ao novo grupo político envolveu a complexa história de sua vida social anterior.

Esta dinâmica de construção de uma nova identidade política, e de um espaço relacional, a partir de sentidos subjetivos de outras áreas da vida, também foi observada na forma como Thiago se expressou ainda na primeira conversação grupal. Para ele, o



horário de almoço no Restaurante Universitário – R.U. – era um momento de se reunir com os amigos: “As pessoas acham que a gente tá marcando... mas é automático, você vai em duas pessoas almoçar, aí senta e tem mais duas lá, aí mais uma vai chegando, e do nada tem oito pessoas almoçando no R.U.”. As histórias individuais dos envolvidos, e as condições em que estes transitavam neste espaço de grande circulação, parecem atribuir um caráter singular ao comportamento descrito: Thiago não almoçava sozinho, e o R.U. parecia ser em um espaço de socialização em que suas relações interpessoais e políticas imbricavam-se, associando-se a uma mesma unidade emocional de afeição e congruência.

Esta imbricação, entre relações políticas e interpessoais na organização subjetiva de um espaço relacional, também se evidenciou ao final da segunda conversação grupal, quando o grupo combinava de ir a um bar naquela noite e Thiago disse: “e a Conectividade tem a sua relação mesmo assim, vai todo mundo pro bar e a gente gosta de brincar que a gente fala muito”. Estes espaços relacionais foram capazes de definir novas identidades, configuradas a partir dos discursos e dos sentidos atribuídos pelos que neles transitavam.

### **Liderança: “A gente tem que ser um grupo diverso”**

Entre os sujeitos da pesquisa, os processos simbólicos associados às suas representações sobre o papel do líder pareciam estar acompanhados por visões positivas de si mesmos, e suas expressões estavam centradas no que os outros achavam. As falas de Thiago expressaram singularidades na produção destas representações, como observou-se na primeira conversação grupal: “nós estamos

trabalhando com um DCE que representa 20 mil pessoas. Não pode ser: ah, eu vou defender isso e pronto e acabou, e não vou ouvir os estudantes. Os estudantes se revoltam e faz com que os estudantes se afastassem do DCE, né”.

Ele admitia o protagonismo do líder ao formular novos pontos a serem defendidos, e a necessidade de legitimar seus posicionamentos junto à base já que, para ele, a falta de legitimidade das decisões era a causa da distância entre representantes e representados no ME na universidade. Apesar de parecer buscar institucionalidade para as decisões tomadas pelo DCE, a fala de Thiago trazia em si uma separação entre líderes e liderados: em vez de envolver os estudantes na decisão a ser tomada, provocando o comprometimento da base com os rumos definidos, ele parecia buscar a aceitação de uma decisão já tomada.

Na segunda conversação grupal, quando a conversa estava orientada para as diferenças entre os grupos, ele disse: “[...] a gente consegue agregar muitas pessoas assim, porque é um grupo diverso, a universidade é formada por estudantes de diversas... então pra gente poder representar esses estudantes, a gente tem que ser um grupo diverso”. Para Thiago, a legitimidade das decisões parecia estar na diversidade do grupo que a tomou. Esta busca por legitimidade também estava presente nos significados que Karina atribuía ao papel de líder, conforme afirmou na primeira conversação grupal: “[...] todos os meus professores, que eu tenho nos Centros, fazem campanha pedindo voto para mim porque eles reconhecem que é um trabalho sério”.

Mais à frente, ainda na mesma conversação, orgulhava-se da arrecadação de recursos financeiros para a chapa: “ó, é o

seguinte: eu, sozinha tive uma arrecadação de dois mil reais na universidade [a sigla da instituição, dita por Karina, foi aqui substituída pela palavra 'universidade' para evitar sua identificação]. Só com o caderno de ouro. Eu [apontando para si mesma]. Eu falei pra um aluno que perguntou: eu fui lá, pedi e consegui". E para cumprir o papel de dirigente do movimento, Karina sentia a pressão da responsabilidade de representar:

[...] que as nossas atitudes diárias são políticas. Eu escolher entre A e B como indivíduo que alguém acompanha, querendo ou não a gente é acompanhado por muitas pessoas, é um ato político... eu acho que a política vai no seu dia-a-dia. É claro que a gente pensa antes de fazer certas coisas. A gente sabe que esse ato pode né, de alguma maneira, interferir não só na nossa vida, mas na vida de várias pessoas... eu criei um vínculo com muitas pessoas, conheço bastante pessoas, então você acaba sendo uma pessoa que as pessoas esperam, ou que veem de alguma maneira... então a política é o dia-a-dia né. (Karina, primeira conversação grupal)

Na primeira conversação, a imagem de líder que Karina construía para si mesma parecia configurar sentidos subjetivos produzidos em suas relações com colegas e professores, e que estavam associados à uma autoimagem positiva integrada à sua identidade pessoal, pela forma como se posicionava. Assim, na segunda conversação o grupo foi estimulado a discutir as características pessoais que diferenciavam os membros da Conectividade dos membros dos outros grupos políticos. Neste ponto, Karina destacou sua posição de independência no movimento: "[...] a biblioteca tá fechando sete horas da noite. O

certo era fechar às nove. Só que tem gente recebendo dinheiro de sindicato, que deveria estar batendo na biblioteca, não está. Então quer dizer, eu fico amarrada, então quer dizer eu nunca vou poder bater no Reginaldo [nome fictício atribuído ao reitor da universidade]? Só que eu vou porque ele não me comprou".

Naquele momento havia uma mobilização contra a reforma da previdência, organizada pelo sindicato dos trabalhadores da universidade: as jornadas de trabalho eram reduzidas e o expediente dos setores administrativos da instituição eram encurtados. A análise daquele momento deve envolver as representações do pesquisador sobre tal movimento: ao evocar suas consequências para os estudantes, Karina afirmou uma postura imediatista frente aos desafios de sua liderança, já que não mencionou a importância da mobilização para a geração de novos trabalhadores que estava sendo gestada na universidade. Também deixou de considerar a contribuição que uma relação mais próxima com o sindicato poderia dar para superar a natureza transitória de sua passagem pela universidade.

Karina limitou-se a problematizar as repercussões imediatas da mobilização na dinâmica de funcionamento da universidade, indicando um processo simbólico que isolava a sua base do resto da sociedade ao lidar com as questões previdenciárias em discussão. A rejeição ao fechamento prematuro da biblioteca era coerente com o que ela parecia entender ser o sentimento imediato da maioria dos estudantes: hostis ao sindicato, pelo prejuízo com o acesso limitado aos setores da instituição, sem que os motivos de sua luta fossem problematizados.

Thiago então reforçou a postura de Karina: “no momento que a gente tiver que divergir, nós vamos divergir com o sindicato, como a gente já divergiu várias vezes”, sendo interrompido por ela: “então, a organização da Conectividade é uma coisa que as pessoas admiram, os alunos sabem quem são. Falando bem ou mal, o pessoal sabe quem é a Conectividade né”. Neste ponto, Karina voltou a expressar a visão positiva que possuía de si mesma, através de seu grupo, centrando-se no que os outros achavam. Esta constante preocupação, com a legitimidade de suas ações, pareceu indicar uma postura passiva e reativa diante do desafio de superar a visão imediatista da maioria dos estudantes.

Fábia, por outro lado, disse ainda na primeira conversa grupal: “quando o aluno participa dos movimentos estudantis ele é respeitado. Ele querendo ou não é respeitado pelos colegas, pelo professor, pelo diretor, pelo diretor de centro, pelo reitor. Mesmo que ele não comungue com suas ideias”. A construção de Fábia, acerca das consequências da liderança assumida, apresentou um indicador da existência de espaço para discordar da opinião dos colegas. Este indicador foi reforçado por sua fala no começo da segunda conversa grupal, quando esta ainda não tinha um direcionamento: “É engraçado que quando eu tava no CA [Centro Acadêmico, organização de representação dos estudantes de um curso] entrou uma menina no CA, aí uma pessoa chegou pra menina e falou assim: olha, não vai na pilha dela ali não hein. Você vai ficar reprovada. Eu cheguei e falei: poxa, tô no CA desde o primeiro período. Nem reprovada eu fiquei. Nem desperiodizada eu tô. Acontece que eu tenho uma facilidade de conversar com os professores”.

Apesar de Fábia admitir que se aproveitava do respeito, obtido junto aos professores por sua posição de liderança, assumiu uma postura ativa no episódio relatado: exerceu um papel educativo, e explicou que é possível ser boa aluna apesar de sua liderança no ME, discordando assim de sua colega. As posturas adotadas pelos sujeitos, ao produzirem significados atribuídos ao papel do líder, à política, às relações interpessoais estabelecidas e às suas identidades expressaram suas distintas histórias de vida através das emoções e produções simbólicas relatadas, conforme se discute a seguir.

### **Breve discussão**

Através da metodologia utilizada, as falas dos sujeitos permitiram a construção de indicadores de sentidos subjetivos da política, dos partidos políticos, da liderança, das identidades e dos espaços relacionais. Estes indicadores parecem estar imbricados nas configurações subjetivas da participação política de cada sujeito, em um jogo relacional, dinâmico e contraditório definidor de sua ação. Sobre a política, o contexto cultural brasileiro pareceu exercer influência sobre a produção simbólica dos sujeitos por indicar um ambiente partidário mal visto.

No entanto, Thiago era filiado a um partido, e Karina cogitou disputar um cargo eletivo fora da universidade, evidenciando posturas ativas diante daquele ambiente. Esta contradição parecia resolver-se mantendo a vida partidária longe da atuação de cada um no ME. No entanto, ao defenderem o distanciamento entre ME e partidos, deixaram de considerar a possibilidade de construção de pautas comuns e duráveis, o que contribuiria para superar a natureza

transitória das lutas acadêmicas e contextuais que pautavam sua gestão.

Em relação ao papel do líder, a cultura da democracia representativa pareceu influenciar a produção simbólica dos sujeitos, indicando uma visão de separação entre representantes e representados. O papel de líder provocava um efeito narcísico sobre eles, que reproduziam os vícios dos partidos políticos, e das gestões anteriores, em seu processo de tomada de decisões. Em sua busca por legitimidade, os sujeitos ignoraram a possibilidade de dar um sentido de coletividade às decisões tomadas neste processo. Além disso, o sectarismo, presente no espaço relacional construído, dificultava o diálogo com as demais forças políticas, isolando a gestão.

Neste ponto, parecia que a existência dos outros era pré-requisito para a existência do grupo político. O alinhamento das falas e a minimização das diferenças internas constituíam sentidos subjetivos de pertencimento dos sujeitos, que se integravam à complexidade de suas identidades na produção de pautas comuns e dogmas. Neste processo a autocrítica foi ignorada, já que os outros eram adjetivados negativamente enquanto adjetivavam positivamente a si mesmos, indicando uma tendência à sacralização de suas convicções.

Em relação às relações interpessoais estabelecidas pelos sujeitos no processo de participação política, sentidos subjetivos de outras áreas de suas vidas – como família, outros movimentos sociais, amigos – imbricavam-se na constituição de um espaço relacional limitado ao seu próprio grupo político. Os sujeitos pareciam dispostos a representar todos os estudantes, mas contraditoriamente ignoravam a necessidade de estabelecer relações mais próximas com

pessoas que possuíam concepções diferentes das suas em relação ao ME. A partir desta análise, são feitas a seguir algumas considerações finais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo é analisar os indicadores de sentidos subjetivos que se configuram na participação política de dirigentes do Diretório Central dos Estudantes – DCE – de uma universidade federal brasileira. Para alcançar este objetivo discutiu-se o referencial teórico, epistemológico e metodológico adotados, o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, e as falas dos sujeitos foram apresentadas e analisadas. Esta análise identificou, entre os sujeitos, uma tendência a rejeitar as ideias oriundas dos partidos políticos, o estabelecimento de diferenças entre representantes e representados, e a construção de identidades e de espaços relacionais que pareciam limitar a atuação dos sujeitos a seu próprio grupo político.

A rejeição, entre os sujeitos, das ideias oriundas dos partidos políticos parece evidenciar os processos simbólicos relacionados à credibilidade – ou falta desta – do sistema partidário brasileiro. No entanto, a reprodução da pauta dos partidos políticos nos fóruns do ME poderia contribuir para gerar novos significados atribuídos ao enfrentamento das mazelas sociais brasileiras. A partir desta possibilidade, propõe-se a busca de pautas comuns, entre o ME e os partidos políticos, que poderiam contribuir para superar a natureza transitória das lutas da organização de representação pesquisada. A discussão das grandes questões nacionais produziria novos processos simbólicos entre os estudantes, levando, para os partidos políticos a força e a

criatividade que o ME provou ter ao longo de sua história. No entanto, os desafios enfrentados pelas organizações estudantis vêm exigindo novas competências dos seus líderes.

Uma destas competências poderia ser a de negar o título de líder. O efeito narcísico que a representação provoca nos estudantes, quando estes tornam-se dirigentes do ME, parece evidenciar processos simbólicos e emocionais relacionados a sentidos subjetivos de controle e de poder. A própria adjetivação utilizada pelos sujeitos, ao se referir aos membros dos outros grupos, parece evidenciar emoções de hostilidade que podem também estar relacionadas a estes sentidos subjetivos. A superação das diferenças entre representantes e representados, através da rejeição do título de líder, e da ampliação dos processos de tomada de decisões envolvendo estudantes que não compõem a diretoria do DCE, promoveria novas configurações subjetivas para a participação política dos estudantes.

A revisão da literatura evidenciou que muitos estudantes querem falar por si e serem ouvidos. O modelo tradicional de representação, onde a legitimidade do posicionamento do representante está nos votos obtidos por ele, não parece ser capaz de mobilizar as emoções necessárias para sustentar, no meio estudantil, uma ou outra posição. Com isto, é possível supor que o atual modelo de divisão do trabalho no ME, com a definição de papéis ao longo de uma estrutura vertical, poderia ser revisto. A adoção de estruturas horizontais valorizaria o líder que atuasse como um facilitador do debate, promovendo a discussão que daria voz à base do ME, sendo esta uma competência necessária para o líder

estudantil no contexto político em que vivemos.

A necessidade de empoderar os fóruns de base do ME é afirmada, nestas considerações finais, em um momento político caracterizado por uma “onda conservadora” (TRIGUEIRO, 2019) que coloca em xeque os métodos tradicionais de organização dos estudantes, e pela entrada de novas forças políticas, como o Partido Social Liberal - PSL -, na disputa pela hegemonia na UNE (GABRIEL, 2019). Segundo Gabriel (2019), o encontro da juventude do PSL terá um jogo de perguntas e respostas, e o prêmio será o livro “A verdade sufocada”, escrito pelo Coronel Ustra, que chefiou o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operação de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão de inteligência e repressão do exército durante o Regime Militar brasileiro. Neste ponto, é interessante perceber o significado de prêmio atribuído, pelo dirigente da juventude do PSL, ao livro do Coronel Ustra.

Esta luta política, que se desenrola no campo da produção simbólica, permite supor a sacralização dos fundamentos de cada grupo político por seus membros, com novos rituais, práticas e símbolos. A minimização das diferenças internas, e a construção de espaços relacionais limitados ao próprio grupo político, parecem imbricar-se em sentidos subjetivos de pertencimento que dificultam o reconhecimento das falhas de suas próprias práticas, e das virtudes dos adversários. Assim, este artigo propõe a realização de autocríticas, pelos distintos grupos políticos, para que sejam identificados os pontos fortes e fracos de sua ação política. O combate ao sectarismo que caracteriza as relações entre os grupos, e que limita o entendimento entre eles, pode



produzir novos sentidos subjetivos que contribuiriam para a redefinição das identidades no ME neste novo momento político.

Por fim, cada grupo político do ME possui uma diferente perspectiva da relação com os partidos políticos, do papel do líder e da estrutura ideal de organização. A aproximação à perspectiva de três membros de um destes grupos, neste artigo, permitiu discutir alguns aspectos da subjetividade social em que constroem sua atuação. Reafirma-se aqui o caráter social das ações humanas, mas, há que se considerar ainda o caráter dinâmico e processual dos processos simbólicos e emocionais envolvidos nestas ações. A rejeição do indicador de que Thiago possuía uma postura passiva em relação aos partidos políticos, em um momento inesperado da segunda conversação grupal, serviu para ilustrar este caráter. É dessa forma que novas configurações subjetivas passam a dominar o comportamento humano, em um jogo contraditório com as antigas configurações.

Por uma escolha consciente, este trabalho limitou-se a analisar sentidos subjetivos de dirigentes de entidades de representação ligados a um único grupo político. Sugere-se, para pesquisas futuras, a investigação da participação política dos membros dos diversos grupos políticos, bem como dos Coletivos Estudantis. Considerando o caráter processual das contradições e dos processos simbólicos analisados, foram abertos novos campos de inteligibilidade sobre os sentidos subjetivos relacionados à política, ao papel do dirigente do ME, ao espaço relacional e à constituição das identidades, e são estes sentidos que podem estimular ou desestimular uma participação política mais comprometida. Espera-se que estas reflexões contribuam para um maior entendimento do papel dos dirigentes do ME em um cenário marcado por novos desafios.

## REFERÊNCIAS

- BARRIGA, V. M.; LABRAÑA, C. M.; VERDEJO, M. I. P. Estrategias y recursos empleados por el movimiento estudiantil en el 2011. *Universum*, v. 32, n. 1, p. 137-157, 2017.
- BELLEI, C.; CABALIN, C. ORELLANA, V. The 2011 Chilean student movement against neoliberal educational policies. *Studies in Higher Education*, v. 39, n. 3, p. 426-440, 2014.
- CABALIN, C. Online and mobilized students: the use of Facebook in the Chilean student protests. *Comunicar*, v. 22, n. 43, p. 25-33, 2014.
- CANCIAN, R. Juventude e participação política: considerações sobre a militância estudantil nos anos 1970. *Lutas Sociais*, v. 18, n. 32, p. 203-215, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/eDSbGn>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- CASTANHO, M. I. S.; SCOZ, B. J. L. Subjetividade, ensino e aprendizagem: aproximação histórico-cultural em trabalhos acadêmicos. *Psicologia em Estudo*, v. 18, n. 3, p. 487-496, 2013.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

- CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de sociologia e política**, v. 16, n. 30, p. 253-268, 2008.
- COSTA, J. M.; GOULART, D. M. A saúde humana como produção subjetiva: aproximando clínica e cultura. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 240-242, 2015.
- CUNINGHAME, P. #YoSoy132 and the 'Mexican Spring' of 2012: between electoral engagement and democratisation. **Bulletin of Latin American Research**, v. 36, n. 2, p. 192-205, 2017.
- GABRIEL, R. S. Encontro de jovens conservadores que querem tomar a UNE terá gincana e livro de Ustra. *Época*, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://goo.gl/BxcC1S>>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- GÓMEZ, L. E. 1968. Demografía y movimientos estudiantiles. **Papeles de Poblacion**, v. 21, n. 85, p. 251-291, 2015.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 2003b.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia no social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade** – os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTÍNEZ, A. M. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Editora Alínea, 2017.
- LIZAMA, P. R. Análisis crítico de la representación informativa de Camila Vallejo y el Movimiento Estudiantil chileno 2011 en el diario Las Últimas Noticias. **Estudios Sobre el Mensaje Periodístico**, v. 19, n. 2, p. 871-888, 2013.
- LONGO, I. Estudantes são presos por fazerem panfletagem pró-Haddad em Campinas (SP). **Fórum**, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/LpQfrC>>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- MESQUITA, M. R.; OLIVEIRA, A. C. M. Juventudes, movimentos e culturas: A participação política de jovens na cidade de Maceió. **Estudos de psicologia**, v. 18, n. 2, p. 379-387, 2013.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- O'HALLORAN, P. Contested space and citizenship in Grahamstown, South Africa. **Journal of Asian and African Studies**, v. 53, n. 1, p. 20-33, 2018.
- PAES DE PAULA, A. P.; PALASSI, M. P. Subjetividade e simbolismo nos estudos organizacionais: um enfoque histórico-cultural. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Orgs). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007, p. 199-228.
- PAES, K. D.; DELLAGNELO, E. H. L. O Sujeito na Epistemologia Lacaniana e sua implicação para os Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 3, p. 530-546, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/iqahz8>>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- PEÑA, P.; RODRÍGUEZ, R.; SÁEZ, C. Movimiento estudiantil en Chile, aprendizaje situado y activismo digital. Compromiso, cambio social y usos tecnológicos adolescents. **OBETS - Revista de Ciencias Sociales**, v. 11, n. 1, p. 287-310, 2016.

- ¿POR QUÉ marchan los estudiantes? Aquí las claves para entenderlo. **El Espectador**, 15 nov. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/LU8zvT>>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- POUSADELA, I. M. Protest and proposal, participation and representation: the Chilean student movement, 2011-12. **Development in Practice**, v. 23, n. 5-6, p. 685-700, 2013.
- PUSEY, A.; SEALEY-HUGGINS, L. Transforming the university: beyond students and cuts. **ACME**, v. 12, n. 3, p. 443-458, 2013.
- RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1989. Disponível em: <<https://goo.gl/PwvSbq>>. Acesso em: 14 ago. 2018.
- RAMOS, A. G. Modelos de homem e teoria administrativa. **Revista de Administração Pública**, v. 18, n. 2, p. 3-12, 1984. Disponível em: <<https://goo.gl/NUEQHS>>. Acesso em: 14 ago. 2018.
- RHEINGANS, R.; HOLLANDS, R. There is no alternative?: challenging dominant understandings of youth politics in late modernity through a case study of the 2010 UK student occupation movement. **Journal of Youth Studies**, v. 16, n. 4, p. 546-564, 2013.
- RODRIGUES, P. A.; GUGLIANO, A. A. Processos de participação e representação no movimento estudantil brasileiro (2002-2012). **Juris**, v. 27, n. 2, p. 87-118, 2017.
- RODRIGUES, T. C. M. **Partidos-Movimento: As Relações entre Partidos Políticos e Sociedade Civil no limiar do século XXI**. 2017. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC – RJ, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/YmJbR3>>. Acesso em: 21 set. 2018.
- ROSSATO, M. MARTÍNEZ, A. M. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 289-298, 2013.
- SANTOS, A. S.; SANTOS, J. V.; OLIVEIRA, W. J. F. Jovens e militantes: Movimento Estudantil universitário, juventudes partidárias, e “improvisação” como forma de ação coletiva. In: 39º Encontro Anual da Anpocs, 39., 2015. Caxambu. **Anais do 39º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu: ANPOCS, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/95gCz1>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- SCOZ, B. J. L.; RODRIGUES, V. N. S. Aula de história: subjetividade e memória na aprendizagem de alunos. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 1, p. 79-86, 2015.
- SEIDL, E. Notas sobre o ativismo juvenil, capital militante e intervenção política. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 63-78, 2014.
- SILVEIRA, R. Z. A subjetividade nos Estudos Organizacionais: enfoques, senso comum, complexidades, superações.... In: VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, 6., 2017. Florianópolis. **Anais do VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**. Florianópolis: Rede ORD, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/6CfdSS>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- SILVEIRA, R. Z.; PALASSI, M. P.; SILVA, A. R. L. E a ponta fica excluída: desafios à participação do servidor na administração pública. **Organizações & Democracia**, v. 14, n. 2, p. 51-72, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/i8xSvj>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- SPIEGEL, J. B. Rêve Général Illimité? The role of creative protest in transforming the dynamics of space and time during the 2012 Quebec Student strike. **Antipode**, v. 47, n. 3, p. 770-791, 2015.

TRIGUEIRO, G. Opinião: radicais de direita. *Época*, 08 mar. 2019. Disponível em: <<https://goo.gl/F6bDJy>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 1934. Disponível em: <<https://goo.gl/gN7GqG>>. Acesso em: 20 fev. 2018

VIGOTSKI, L. S. **The psychology of art**. Massachussets: MIT Press, 1971.

VIGOTSKI, L. S. **Teoría de las emociones**: estudio histórico-psicológico. Madri: Ediciones Akal S/A, 2004.

## NOTA

(<sup>1</sup>) Doutorando em Administração na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Graduado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.

*Enviado: 25/03/2019*

*Aceito: 16/10/2019*